

JULIETA E OSMAN LINS

Diálogo e metamorfose

HUGO ALMEIDA

A melhor homenagem que se pode fazer à escritora Julieta de Godoy Ladeira (1927-1997) nos 90 anos que ela completaria agora em 2017 talvez seja lembrar sua vital influência na vida e obra de Osman Lins (1924-1978), com quem dividiu o período mais produtivo e rico do autor de *Avalovara* (1973) e *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976). Foi um enriquecimento humano e literário mútuo. É impossível escrever sobre ele sem mencioná-la. E vice-versa.

No livro *O desafio de criar* (Global, 1995), Julieta relembra o diálogo que teve no primeiro encontro com Osman Lins, que se tornaria seu marido dois anos depois, em 1964. Ela estava lendo *O fiel e a pedra* (1961) e disse ao romancista estranhar que Teresa ficasse distante de Bernardo nos momentos mais difíceis. A mulher deveria estar ao lado do marido, dando força, afirmou. “Você é de São Paulo”, Osman Lins ponderou. “A Teresa é uma mulher do Nordeste. A situação é diferente.” Escritora e publicitária, Julieta “tinha viajado ao exterior, levava um tipo de vida oposto ao de Teresa”, ela diz no livro.

Começava ali um fértil diálogo que marcaria a vida e a obra do casal. Ainda em 1962, Osman Lins publicou, no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, um artigo sobre o primeiro livro de Julieta, *Passe às férias em Nassau*, que ganharia o Prêmio Jabuti de contos no ano seguinte. “Um livro sutil, desconcertante”, escreveu. “Livro singular, penetrado, ao mesmo tempo, do fugaz e da eternidade, do silêncio da morte e do rumor da vida.” Destacou o poético

“De braços cruzados”, talvez o ponto alto do volume, “conto insólito, de técnica surpreendente e onde a linguagem, desdobrando-se em frases de mais harmoniosa tessitura, atinge, sem prejuízo da leveza e musicalidade que lhe são próprias, intensa força expressiva”.

Os 14 anos que Osman Lins e Julieta dividiram, ambos no segundo casamento, foram capitais para obra dos dois escritores, como sempre reconheceram. A vida em comum efetuou metamorfoses e não mudanças na literatura deles. Numa entrevista logo após a publicação de *Avalovara*, reproduzida em *Evangelho na taba* (Summus Editorial, 1979), Osman Lins explicou a diferença entre os dois conceitos ressaltada pelo crítico canadense Northrop Frye (1912-1991) em *Anatomia da crítica* (1957). “A mudança, típica da falsa-vanguarda, é fácil e sem nenhum valor, confundindo-se frequentemente com a simples extravagância”, lembrou. “Já a metamorfose mergulha num passado artístico, vitalmente, para transformá-lo numa realidade nova.”

Essa nova realidade revelou-se cada vez mais presente nos livros de Osman Lins e de Julieta a partir do convívio cotidiano. Noutra entrevista, ele frisou que ela exercia “uma influência das mais benéficas” em sua obra. “Discuto com ela quase todos os meus problemas de criação. A rigor, é coautora de todos os meus últimos livros.” A revelação do escritor ecoa em *O desafio de criar*. “Uma escritora é casada com um escritor. Esse escritor está criando uma obra. Os dois discutem essa obra. A obra cresce entre eles. Então haverá momentos de uma afinidade tão grande de concepção, relativos à obra que ele cria, que o outro passa a sentir (no inconsciente) que está

participando do trabalho”, escreve Julieta ao citar “um caso pessoal”.

O escritor deixou registrada sua gratidão à mulher na dedicatória manuscrita em *Nove, novena*, seu primeiro livro publicado depois do novo casamento: “Para Julieta, minha esposa, amiga e companheira, nove vezes nove querida, este 1º exemplar de *Nove, Novena*, para o qual tanto contribuiu. Ternamente, Osman. 5-7-66, às 10 horas da noite, após o jantar de meu 42º aniversário”. Essas palavras estão reproduzidas, em *fac simile*, na edição teatralizada do “Retábulo de Santa Joana Carolina” (narrativa central de *Nove, novena*), organizada por Maria José de Carvalho (Loyola/Giordano, 1991), com ilustrações de Marianne Jolowicz, tradutora de Osman Lins para o alemão.

No prefácio dessa edição de muito esmero, Julieta narra uma cena memorável, digna de romance, durante a visita do casal a um museu de Barcelona, na primavera de 1967. “De repente, de uma sala maior, você me chama. Vejo-o então entre retábulos, só, abrindo os braços. O gesto divertido de estar entre eles, a alegria desse encontro. O criador, tantas criações. [...] A sala vazia de pessoas, você me mostrando os retábulos, sorrindo, uma descoberta. Não um ou dois: vários. Revejo esse momento inteiro, desde a luz daquela hora, até as cores predominantes nos retábulos. Verde, marrom, dourados severos, bem dosados. Figuras discretas, toda a força nos traços primitivos, e você no centro, formando, sem saber, outro retábulo. Que também, em minha lembrança, é e permanece.”

Numa entrevista de 1975, também presente no *Evangelho na taba*, ele reafirmou o papel de



A escritora Julieta de Godoy Ladeira (1927-1997), autora de *O Desafio de Criar* e grande influência na trajetória de Osman Lins (1924-1978)

Julieta em sua vida: “Foi por intermédio da literatura – através dos meus livros e também dos seus – que eu viria a conhecer uma certa criatura sensível, discreta e corajosa, a quem mais tarde viria a ligar-me e que, desde então, compartilha comigo, entre alegrias e raivas, a aventura de viver”.

É certo, o universo de Osman Lins e o círculo de suas personagens femininas se ampliaram a partir da mudança para São Paulo em 1962, do segundo casamento em 1964 e das narrativas de *Nove, novena*, de 66. “Fui sentindo, mais tarde, e já depois de *Avalovara*, como as mulheres, em sua obra, também mudavam. Não havia mais nenhuma Teresa”, escreve Julieta em *O desafio*

de criar. “Ele viajava sempre para grandes centros urbanos e morava em São Paulo. Ia sendo invadido por outros meios, impressões, costumes, leituras.” Julieta notava que a ficção do marido passava a ser povoada por mulheres de um mundo mais complexo do que o de Teresa e Bernardo. “Em sua obra não havia a Teresa bucólica, que enfraquecia um homem. Mas apareciam outras mulheres, com sua força, seu mistério”, escreveu.

Há também outro “estágio” fundamental antes dessa época: o período que o então jovem escritor, bolsista da Aliança Francesa, viveu em 1961 em Paris, como Sandra Nitrini tão bem observa no ensaio sobre *Marinheiro de primeira*

viagem (1963), publicado em *Osman Lins: o sopro na argila* (Org. H. A., Nankin, 2004).

Quase dez anos depois de *Nove, novena*, Osman dedicou *Avalovara* à sua mulher, como se pode ler na abertura do romance: “A Julieta, que tanto contribuiu para a elaboração deste livro”. Em *Avalovara*, o personagem e principal narrador, Abel, relaciona-se com três mulheres, em épocas diferentes: Annelise Roos, composta por cidades, símbolo do espaço; Cecília, que tem o corpo formado por homens, e a mulher cujo nome é um símbolo gráfico () – síntese de carne e verbo (e silêncio, pois o símbolo não tem pronúncia). É nessa terceira mulher – uma paulistana – que Abel encontra a plenitude. Não



Com coragem e
tenacidade, Julieta
de Godoy encontrou
forças e se impôs
disciplina para escrever
e organizar livros
preciosos. “Um
dia sem escrever fica
sempre como dívida,
falha, culpa”, afirmou,
fazendo lembrar o
célebre verso de
Fernando Pessoa/Álvaro
de Campos

seria exagero imaginar que ela foi inspirada em Julieta.

Numa espécie de diálogo literário, ou intertextualidade, Osman Lins “pescou” no conto “O ponto branco”, de *Passe as férias em Nassau*, algo da personagem representada por um símbolo gráfico de *Avalovara*. A personagem do conto de Julieta havia tentado o suicídio (ou pensado nisso) com um tiro no peito. A personagem osmaniana havia dado (ou pensado em dar) um tiro no peito quase dez anos antes – é a distância da publicação dos contos de Julieta e a redação de *Avalovara*.

O conto de Julieta começa assim: “Um tiro no peito. Sangue por toda a roupa. Melhor do que ir para casa.” Em *Avalovara*, há este diálogo entre Abel e a mulher inominada, “nascida e nascida”:

- O que é isto?
- Um furo de bala.
- Que tempo faz?
- Quase dez anos.
- Quem disparou?
- Eu mesma.

Também diálogos com a mulher foram aproveitados na ficção por Osman Lins. No prefácio de *Evangelho na taba*, volume em que Julieta reuniu entrevistas e artigos do marido, ela recorda um caso exemplar: “Uma noite em que líamos juntos, como habitualmente, Osman Lins olhou para mim com aquele seu olhar que ia tão longe e depois perguntou se eu sabia por que escrevíamos. [...] Não respondi de nenhum modo inteligente, nem me ocorreu alguma definição satisfatória”. Em situação semelhante, lembra Julieta, a pergunta surgiria em *A rainha dos cárceres da Grécia*. No romance, o professor narrador faz a mesma pergunta a Julia Marquezim Enone: “Por que escrevo? Você, perguntar isto? Um homem inteligente! Ora... (Risos). É, não sei. Não sei mesmo.”

Ainda no prefácio de *Evangelho...*, Julieta – que deve ter lutado contra as lágrimas, mas certamente evitou a depressão, ao reunir textos de Osman Lins já no primeiro ano após morte dele – afirma que, revendo as provas do livro, entendeu melhor por que se escreve: “Estas páginas nos dão uma resposta”.

Em 1977, o casal fez uma atribulada viagem ao Peru e à Bolívia, narrada a quatro mãos em

La paz existe?, publicado no mesmo ano pela Summus. Nada deu certo, foi “um pesadelo”, como escreveu Antonio Callado (1917-1997) na contracapa do livro. Julieta e Osman enfrentaram, por exemplo, uma precária estrada, num ônibus cheio e desconfortável, noite adentro, debaixo de tempestade, sem onde parar para lancha ou ir ao banheiro. No fim da maratona, exaustos, os dois se instalaram num quarto aquecido de um hotel em Puno. “Você foi muito corajosa”, disse Osman a Julieta. “Foi formidável. De verdade”. Ela: “Pensei que nunca mais ia chegar”. Ele: “Eu também”. O escritor estava ao lado da companheira das horas difíceis, uma anti-Teresa de *O fiel e a pedra*.

Momentos ainda mais penosos Julieta viveu mesmo foi após a partida de Osman, como se pode perceber em vários textos dela, como o artigo “Escrevendo um romance ou Dostoiévski não fazia Cooper”, em *O desafio de criar*. Perspicaz, incisivo e por vezes bem-humorado, o texto não deixa de revelar, embora latente, a solidão da escritora, mas ao mesmo tempo demonstra inquietação e vigor frente às dificuldades para trabalhar num mundo tão indiferente à criação literária, como Osman Lins sempre dizia. Com coragem e tenacidade, Julieta de Godoy Ladeira encontrou forças e se impôs disciplina para escrever e organizar livros preciosos. “Um dia sem escrever fica sempre como dívida, falha, culpa”, afirma Julieta no artigo, fazendo lembrar o célebre verso de Fernando Pessoa/Álvaro de Campos no poema “Apostila”: “Aproveitar o tempo! Nenhum dia sem linhas...”.

Entre os livros que organizou, não se pode deixar de citar *Lições de casa – exercícios de imaginação* (Novo Norte, 1978), reunindo textos de vários escritores, entre eles Julieta e Osman. Trata-se de um trabalho singular. Os autores deveriam escrever sobre figuras que na infância eram apresentadas em escolas de todo o país como tema de redação.

Julieta conta, na apresentação do volume, que em 1966 Osman escreveu um pequeno texto, com o título de “Exercício de imaginação”, a pedido de uma garotinha, Luiza Helena Lauretti, que lhe apresentou um álbum de gravuras. Anos depois, Osman e Julieta pensaram em criar um livro com textos de diversos escritores sobre

gravuras escolares. “Osman Lins deu o título: *Lições de casa*. Não fez a sua. Saiu da classe antes dos outros”, Julieta escreveu. Não se sabia por onde andava o texto de 1966. A organizadora encomendou os exercícios aos colegas, com pouco prazo para entrega, menos de um mês. “Mas todos compreenderam e, solidários, os entregaram pontualmente. Todos, menos um. O do aluno que escreveu o título, deixando as páginas em branco. O aluno que, apesar de querer tanto ficar, teve que ir.”

Ora, o mundo é redondo e guarda mistérios. “Mas aí seu exercício apareceu, vindo dos guardados de uma garota. [...] E vimos que Osman Lins saiu muito cedo da classe, mas deixou sua lição feita, há muito tempo, e nela não só a ideia destes exercícios, mas nesse texto delicado, escrito à mão, para uma criança, algumas sementes que germinariam em *Avalovara* e em *A rainha dos cárceres da Grécia*. E toda a sua marca – a personalidade de seu estilo, a riqueza de sua imaginação.”

Autora de contos e romances para adultos, Julieta de Godoy Ladeira estreou na área infantojuvenil com *Lobo-do-mar no supermercado* (Scipione, 1987), livro nascido de um sonho “em que um homem gostava tanto de histórias do mar, que foi parar, de repente, dentro de um veleiro cheio de piratas e velhos capitães”. No papel, a história vira realidade com Zizo, órfão de mãe (ele deu o nome dela, Denise, a um barco), garoto simples, carregador de compras de supermercado. Como o pai, o menino é apaixonado por navios e histórias (“A gente viaja, lendo”).

A esse livro seguiu-se uma série de outros, cerca de 20, a maioria sempre reeditada, para crianças e adolescentes, alguns paradidáticos, sobre episódios e personagens históricos do Brasil, como a invasão holandesa, a abolição e Tiradentes, e temas ecológicos, como em *Aventuras e perigos de um copo d’água*, lançado pela Atual Editora em 1993 e hoje na 20ª edição. Não é para menos. Numa fábula bonita e divertida, a autora defende a urgência de despoluir lagos, córregos e rios e de preservar a natureza para garantir a sobrevivência do homem e de todos os seres vivos na Terra. E o mosquito *aedes aegypti* está aí para confirmar a atualidade desse livro. Além de pregar a defesa da natureza em

nome da vida, *Aventuras e perigos...* é um hino à fraternidade, exemplo que animais e objetos da fábula transmitem a todos nós, humanos.

Em *Até mais verde* (Atual, 1989; hoje na 29ª edição), outra fábula de defesa do meio ambiente, Julieta incorpora à história personagens do mundo das artes, como a *Menina com espigas*, de Renoir; a *Bailarina de 14 anos*, de Degas; *O escolar*, de Van Gogh, e *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry. A intertextualidade está presente também em textos dela para adultos, como no conto “Paulo corre atrás da bola”, de *Era sempre feriado nacional* (Summus, 1984), desta vez em homenagem a Osman Lins, com a citação de frases do “Retábulo de Santa Joana Carolina”.

A exemplo do marido, Julieta tem livros traduzidos em vários países e deixou a sua marca. Osman Lins dizia que seus livros não foram inspirados pelos deuses (“Os meus também”, diria Julieta). Foram escritos com esforço, em longo e árduo trabalho, com o sacrifício de horas que poderiam ter sido dedicadas a atividades mais amenas, como o amor. Há de se concordar com o escritor. No entanto, ele inquietava-se diante de uma aparente contradição: “A de debater-se entre a ânsia de compreender e a certeza de que tudo é mistério”. Seria mesmo contradição, ou apenas constatação de que compreender inclui aceitar o mistério? Inclino-me a imaginar, e mesmo a acreditar, que Osman e Julieta estejam juntos de novo, jubilosos, como Abel e sua amada, no Jardim.

HUGO ALMEIDA

é mineiro. Com vários livros publicados, organizou o volume de ensaios *Osman Lins: o sopro na argila* (Nankin, 2004) e a coletânea de contos *Nove, novena: variações* (Olho d’Água, 2016).

